

Escrever é ter esperança

Myrthes Suplicy Vieira

Uma de minhas canções favoritas, inexplicavelmente muito menos conhecida, de Jacques Brel⁽¹⁾, é a que leva o título de “*Chanson sans Paroles*” [Canção sem Palavras]. Nela, ele elabora um acachapante contraponto entre o **tempo do sentir** – ou, mais precisamente, a perda da noção de tempo que acontece quando se está passando por uma experiência emocional intensa – e o **tempo do narrar** como a experiência foi sentida.

Num diálogo mental com uma mulher, ele rememora o envolvimento amoroso que teve com ela e declara sua intenção de lhe compor “um longo poema”, no qual lhe falaria “de mil maneiras diferentes” de amor, de fuga da realidade e da sensação de eternidade que os amantes experimentam ao viverem esse sentimento. Na sua fantasia, ele se compromete a usar de todos os recursos líricos possíveis, de todos os floreios literários, para tecer uma trama rebuscada de palavras e rimas que terminassem por compor como que uma renda delicada, perfeitamente ilustrativa do entrelaçamento de sensações díspares nele despertadas por esse amor.

E, mais adiante, quando o ouvinte já está totalmente entregue ao clima de enlevo, se sentindo partícipe do gozo do encontro amoroso, ele o abate, sem piedade, em pleno voo onírico, apontando a interferência de um inesperado fator complicador [em tradução não-literal]:

*Mas só o tempo de esperar que as ideias começassem a brotar do papel
Além do tempo necessário para encontrar um objeto adequado para registrá-las
Fora o tempo de parar e me perguntar: como posso lhe dizer isso?...
E já havia chegado então o tempo em que você já tinha deixado de me amar.*

Um verdadeiro banho de água fria! O que teria acontecido dentro dele para que desistisse de sua intenção? Teria ele renunciado à tarefa de criação por pura falta de talento poético ou falta de domínio das nuances das palavras? Ou teria sido apenas por saber que sua mensagem de amor não encontraria eco no coração da amante? Difícil precisar.

Demorei muito tempo para encontrar uma resposta pessoal. Num primeiro momento, achei que a pretensa sensação de “preguiça” ou de não estar à altura de tão grandiosa tarefa funcionaria mais como desculpa do que propriamente constatação de uma limitação. Percebi nesse estado de espírito uma conexão com os versos épicos de Camões: “Cantando, espalharei por toda a parte, se a tanto me ajudar o engenho e a arte”.

Depois, relembrei o paradoxo do fingimento do poeta proposto por Fernando Pessoa: [“...*Finge tão completamente que chega a fingir que é dor a dor que deveras sente*”]. Trocando dor por amor, concluí que ele poderia estar apenas fingindo ser amor o amor que realmente sentia. Mas logo na sequência percebi que a segunda estrofe desse poema de Pessoa podia ser ainda mais útil para entender a hesitação do compositor apaixonado e a minha sensação pessoal de

frustração e desamparo: “*E os que leem o que ele escreve, na dor lida sentem bem não as duas que ele teve, mas só a que eles não têm*”.

Foi nesse exato instante que comecei a me dar conta de que, também para o impotente construtor da letra da canção, o amor declarado já era coisa do passado. Prestando atenção aos tempos verbais por ele empregados desde o começo – *eu teria adorado lhe escrever uma canção; eu teria lhe dito*, etc. – tornou-se evidente para mim que o fogo interno do autor já havia se extinguido e que ele apenas rememorava num lamento a dolorosa reentrada na realidade.

Uso essa canção como mote para falar da dificuldade que todo escritor sente ao tentar capturar o *Zeitgeist* interior – isto é, o redemoinho de sensações que ainda estão confusas e permitem mil entradas diferentes para abordá-lo - e expressá-lo de uma forma inteligível também para o leitor. Se, como dizem, toda tradução é uma traição, isso é especialmente verdadeiro quando se trata de traduzir emoções.

Acontece que não há tempo nem espaço na vivência das paixões humanas, no experimentar das emoções. À consciência, elas parecem fugidias, caóticas, acontecem simultaneamente de forma desordenada, sem lógica ou nexo causal. Podem durar apenas uma fração de segundo, mas na memória elas se cristalizam e se eternizam. É curioso observar que Freud dizia que, no inconsciente, os conteúdos pulsionais são armazenados com toda sua carga emocional intacta. Sempre que um determinado evento traumático é rememorado, a pessoa revive, com a mesmíssima intensidade, a emoção agregada a ele na primeira vez.

Para poderem ser comunicadas, as emoções precisam ser simbolizadas, isto é, necessitam ser criadas representações mentais que agreguem um significado pessoal aos afetos vividos, para só então poderem ser expressas através da linguagem. Quando isso acontece, no entanto, a pessoa é inevitavelmente catapultada do mundo paralelo transcendental onde se encontrava de volta para a realidade, com seu inexorável tempo cronológico, linear e sequencial.

No esforço de captar o que há de emoções etéreas fluindo no “espírito do tempo” – exterior ou interior - e devolvê-las ao espaço do cotidiano, concretizando-as através da linguagem, o escritor precisa distanciar-se de alguma forma de seu microcosmo para poder analisar suas implicações e comunicar com a palavra mais precisa - a mais ferina, a mais contundente, a mais comovente, a mais inusitada ou a mais sutil – o sentimento coletivo.

Já a música percorre outros circuitos neurais para transmitir a mensagem pretendida. Sem a necessidade de mediação das palavras, ela pode ser absorvida imediata e universalmente, sem esforço interpretativo algum. E, no caso em referência, a melodia de fundo é paradoxalmente lenta e nostálgica, quase monocórdia, sem altos e baixos que indiquem a transição do estado de espírito aguerrido inicial para se lançar radicalmente na experiência amorosa para um de auto compadecimento, impotência e desilusão.

Começa então a fazer sentido o título da canção. Melhor deixar que a melodia faça o serviço que mil palavras não conseguem concluir. As notas musicais convidam por si sós o ouvinte a entregá-lo ao devaneio, abrindo espaço ao

mesmo tempo para que cada um o preencha com suas próprias fantasias e vivências amorosas.

Esse é, pois, o desafio do escritor: a coragem de mergulhar tão a fundo no próprio psiquismo que de cada vivência pessoal nele encontrada emerja uma compreensão do funcionamento emocional comum ao restante da humanidade.

Mais do que coragem, escrever requer esperança. É como lançar uma garrafa ao mar e esperar que um dia, não importa quanto tempo se passe, ela chegue a bom destino. É acreditar que, se seu conhecimento das marés, das correntes submarinas, da direção dos ventos e da interferência de outros eventos climáticos for profundo o suficiente, sua narrativa possa chegar à praia de outras consciências.

⁽¹⁾ Cantor e compositor belga, autor do sucesso mundial “Ne Me Quittes Pas”